

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## O CORPO EXPANDIDO DO ARTISTA CÊNICO

*Claudia Mele*

Claúdia Mele | Doutorado

Linha de Pesquisa | PFE

Orientadora | Prof<sup>ra</sup> Dr<sup>a</sup> Nara Keiserman

Atua como atriz, professora, dramaturga, diretora e preparadora corporal. Doutoranda e Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO. Graduada em Licenciatura em Dança e pós graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas pela Faculdade Angel Vianna (FAV). Professora de Corpo e Movimento na Faculdade e no curso de formação de ator da CAL. Ministra as disciplinas Viewpoints e orientação de monografia no curso de Pós Graduação Lato Sensu em Preparação Corporal nas Artes Cênicas na FAV. Na Universidade Santa Úrsula, é professora do curso de Arquitetura e Urbanismo, na disciplina “Expressividade e Criatividade 2- Verbal”, e do curso de Psicologia, nas disciplinas “Técnicas Expressivas” e “Psicologia e Teatro”.



## O CORPO EXPANDIDO DO ARTISTA CÊNICO

Claudia Mele

Profª Drª Nara Keiserman | Orientadora

Muitas pedagogias do ator têm como objetivo a busca da desconstrução de um “corpo cotidiano” - mecanizado pelas suas rotinas, domesticado e utilitário - para se alcançar um corpo em cena, “extracotidiano”, cuja principal característica seria determinada qualidade de presença. O termo “extracotidiano”, como apresentado por Barba (1994), traz a ideia de um corpo, que em estado de presença, se apresenta dilatado, em uma dinâmica física de oposições. No entanto, a ideia de “corpo extracotidiano”, que pretendo pensar nesta pesquisa, refere-se ao corpo das pequenas percepções, poroso, habitado por, e habitando outros corpos e outros espíritos, conceito que se aproxima do “corpo paradoxal” de José Gil (2004), um corpo de energia sutil, que chamarei agora de “corpo expandido”, onde não há separação entre exterior (corpo-objeto com seus contornos) e interior (afetos, sensações), mas uma mistura múltipla, osmose. Corpo que não está estratificado nas dualidades, mas sim, cheio de buracos, espaços vazados, oscilando em diferentes dimensões e qualidades vibratórias.

Meu interesse, nesta pesquisa, surgiu da observação, em sala de aula, da expressividade dos corpos dos alunos/atores, que pode mudar sensivelmente, dependendo da prática realizada no dia. Observo que em determinadas improvisações, quando eles estão muito conectados entre si, quando há entre eles uma boa qualidade de escuta, é possível perceber uma densidade diferente nos corpos e entre os corpos. Por que o espaço “entre” os corpos é tão afetado? Se nos vemos como seres separados no espaço, por que o espaço muda quando a consciência e a escuta entre os corpos são mais potentes? Estas perguntas me levaram a estudar o Sistema de Chakras e Corpos Sutis, estudo oriental milenar, que entende que somos seres multidimensionais, representados no plano da Terra pelo corpo físico. O entendimento teórico, mas também

prático, do Sistema de Chakras nos leva a perceber que somos vários corpos, e por isso, habitamos corpos com múltiplas funções. O corpo físico seria a densificação dos outros corpos, que recebem nomenclaturas diferentes, dependendo da bibliografia, mas que geralmente são tratados como corpo etérico (relacionado às sensações), corpo emocional (às emoções), corpo mental (ao pensamento), corpo astral (à noção de coletividade e amor) e corpos espirituais (relacionados à intuição e à criatividade e onde não há mais separação entre sujeito e objeto) (BRENNAN, 2006).

Constata-se, nos últimos anos, no âmbito da pesquisa de pós-graduação em Artes Cênicas, um maior número de trabalhos interessados em meditação, artes marciais e técnicas similares, vistas como ferramentas importantes nos processos de treinamento do artista cênico. No entanto, a associação do trabalho do ator com práticas espiritualistas não é recente. Podemos observar, por exemplo, o interesse de Stanislavski na prática do Yoga, assim como Grotowski, que, através dessa técnica milenar, se debruçou em estudos sobre o Hinduísmo e Taoísmo. Ambos associaram esses conhecimentos às suas pesquisas no campo do teatro. Peter Brook criou aproximações, na sua pesquisa no teatro e no cinema, com as teorias espiritualistas do russo Gurdjieff e os escritos e práticas de Artaud sofreram influência de suas leituras dos grandes místicos, assim como de suas experiências com a Dança do Peiote e com as Danças Balinesas, por exemplo. O escritor, ator e diretor francês, além de estudar os tratados de ciências ocultas e de magia, pesquisou os mitos orientais e as cosmogonias primitivas e esse material teria influência na sua concepção do Teatro da Crueldade.

Grotowski, na última fase do seu trabalho, denominada como “arte como veículo”, vai para Pontedera para investigar como a arte pode servir, ao ator, como veículo para o trabalho sobre si. A noção de “verticalidade”, abordada pelo pesquisador, se aproxima muito dos princípios do Sistema de Chakras, apesar de não fazer uma referência direta a este. Interessante observar que o diretor, já na adolescência, queria estudar Hinduísmo, de onde a teoria dos Chakras se origina, com o objetivo de trabalhar sobre diversas técnicas do Yoga, e em alguns de seus textos, menciona seu conhecimento sobre o Tantra. O diretor permaneceu em constante contato com essa área de conhecimento durante toda a sua vida. Grotowski (2014) afirma que a arte como veículo é como um

“elevador muito primitivo” em que o ator, com suas próprias ações, pode “subir”, rumo a uma energia mais sutil, ou “descer” até o corpo do instinto.

Através de pesquisas práticas e teóricas, tenho percebido que a relação, oscilação, entre essas diferentes frequências, das mais densas às mais sutis, como abordado no conceito de “verticalidade” de Grotowski, podem provocar o que estou chamando de “corpo expandido”, um corpo ampliado em sua consciência, que vejo similaridades com o “corpo sem órgãos” de Artaud - um corpo que oscila até camadas mais sutis de consciência. Artaud (1984) fala de um corpo invólucro, mas invólucro de um espaço infinito. O corpo, que vai se abrindo para as camadas mais sutis, para ser o todo, acessando escuros, buracos, sensações não nomeadas, não mapeadas - esse corpo sem órgãos - dilui o ego, à medida que o indivíduo se dilui na imensidão do todo. Para Deleuze e Guattari (2012), o corpo sem órgãos é povoado por intensidades, uma matéria que é igual à energia, matéria intensa, não formada, não estratificada, definida por eixos e vetores, onde os órgãos somente aparecem como intensidades puras. Para os autores, o corpo sem órgãos oscila entre dois polos: as superfícies de estratificação, submetido ao juízo (que se relaciona a ideia de juízo de Deus apresentada por Antonin Artaud), e o plano da consistência, onde se desenrola e abre à experimentação. O Sistema de Chakras nos auxilia a entender estas diferentes frequências de energia ou níveis de consciência que vão da matéria às intensidades e vice-versa.

Por isso, acredito que a teoria do Sistema de Chakras e Corpos Sutis possa auxiliar na reflexão sobre a noção de corpo expandido que aqui apresento. Observo que o entendimento de como se estruturam os corpos sutis, ou seja, os corpos além do corpo físico, nos propõe uma forma mais completa de ver o corpo humano, trazendo à tona a parte do homem há muito esquecida, e abordando o corpo não apenas como um conjunto de partículas, ou órgãos, ossos e músculos, mas também como ondas de energia, intensidades, que conectam todos os corpos, formando uma rede de funções que se articulam todo o tempo.

## REFERÊNCIAS:

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BARBA, Eugenio. *A Canoa de Papel: tratado de antropologia teatral*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BRENNAN, Bárbara Ann. *Mãos de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*. 21<sup>o</sup> edição. São Paulo: Pensamento, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "28 de Novembro de 1947 - Como Criar um Corpo Sem Órgãos". In: *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

GIL, José. *Movimento Total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GROTOWSKI, Jerzy. "Da Companhia Teatral à Arte como Veículo". In: RICHARD, Thomas. *Trabalhar com Grotowski: sobre as ações físicas*. São Paulo: Perspectiva, 2014.